

A Violência Doméstica em *A Mulher que Ia Contra as Portas*, de Roddy Doyle
Domestic Violence in *The Woman Who Walked Into Doors*, by Roddy Doyle

Elaine Cristina Rodrigues Aguiar¹
Universidade Federal do Tocantins

Rejane de Souza Ferreira²
Universidade Federal do Tocantins

RESUMO: A proposta deste trabalho é investigar os aspectos históricos, políticos e sociais no romance *A mulher que ia contra as portas*, do escritor irlandês, Roddy Doyle, com o objetivo de analisar os problemas familiares presentes na obra, tais como o alcoolismo e a violência doméstica vivida pela protagonista Paula Spencer. O romance em estudo é um relato de Paula Spencer, repleto de analepses, algumas, inclusive repetidas, à medida que ela vai repensando sua vida familiar ao longo de trinta anos. Nesse sentido, pretendemos averiguar de que maneira a estrutura narrativa da obra reflete o interior da narradora-protagonista ambientada numa Irlanda ainda conservadora. Pois durante o período refletido pela protagonista, a identidade da mulher irlandesa era reduzida, na própria constituição do país, aos papéis sociais de esposa e mãe. Vale ressaltar que apenas nos anos 1990 a Irlanda apresentou abertura para o divórcio que até então era proibido no país.

Palavras-chave: Irlanda; violência doméstica; alcoolismo.

ABSTRACT: The aim of this study is to investigate the historical, political and social aspects in the novel *The Woman Who Walked Into Doors*, by Irish writer Roddy Doyle, in order to analyze the family issues present in the work, such as alcoholism and domestic violence experienced by the protagonist Paula Spencer. The novel in analysis is an account made by Paula, full of analepsis, some even repeated, as she thinks her life throughout thirty years. We intend to find out how the narrative structure of the work reflects the interior of the narrator-protagonist acclimated in a still conservative Ireland. For the period reflected by the protagonist, the identity of the Irish woman was reduced, in the constitution of the country, the social roles of wife and mother. It is noteworthy that only in the 1990s Ireland started accepting divorce, which until then was banned in the country.

Key-words: Ireland; domestic violence; alcoholism

Submetido em 20 de maio de 2016.

Aprovado em 09 de julho de 2016.

¹ Graduada em Letras Inglês e Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Bolsista Capes. E-mail: elaine.aguiar82@gmail.com.br

² Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Professora Adjunta da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Literários – NIEL. E-mail: rejaneferreira@mail.uft.edu.br

Lançado em 1996 na Irlanda com o título *The Woman Who Walked Into Doors* e traduzido para a Língua Portuguesa, em Portugal em 1997, como *A mulher que ia contra as portas*³, o romance tem como personagem principal Paula Spencer, sendo ela uma representação da mulher contemporânea que, apesar das adversidades, luta em defesa de sua família. Através dessa obra, pretendemos analisar o papel da protagonista numa sociedade em que as mulheres irlandesas sofriam preconceitos caso decidissem se separarem dos maridos. Analisaremos também o processo de transformações culturais na Irlanda durante o século XX. Para isso, valeremo-nos da versão traduzida para fazermos as citações necessárias. Porém, utilizaremos nossa própria tradução em notas de rodapés, quando julgarmos necessário esclarecermos determinados termos que na Língua Portuguesa em Portugal são diferentes no Brasil. Assim, como as demais citações que fizemos de textos que não encontram-se traduzidos para a Língua Portuguesa serão de tradução nossa.

O romance *A mulher que ia contra as portas* é narrado em primeira pessoa, mas sua história não é apresentada em ordem cronológica. Paula Spencer, a narradora protagonista, relata através de suas recordações, a sua vida familiar e seu problema de violência doméstica ao longo de trinta anos, conforme salienta: “Pareço uma velha a falar. É que foi há mais de trinta anos” (DOYLE, 1997, p.19).

O romance é organizado dentro de um tempo psicológico, ou seja, o autor utilizou esse método para apresentar os pensamentos e as lembranças de Paula Spencer, que variam entre o passado e o presente. A história começa com o crime e anúncio da morte de Charlo, seu esposo. Os demais capítulos são apresentados em forma de analepse, isto é, como nos mostra Salvatore D’Onofrio (1999, p. 100): “a narração começa pelo meio ou pelo fim e só mais tarde, mediante o recurso técnico-estilístico da retrospectiva, o narrador informa o leitor do início dos acontecimentos”. Esta pesquisa propõe uma divisão didática para facilitar a compreensão dessas variações no tempo da vida de Paula, sendo elas: a família O’Leary, o Charlo, a família Spencer e Paula viúva.

No caso, a família O’Leary é a família de origem de Paula. Ela nasceu em 1956 e era a segunda filha do casal que teve sete filhos, sendo quatro filhas: Carmel, Paula, Denise e Wendy, e três filhos: Roger, Edward e George. Apesar das dificuldades vividas devido à baixa renda da família e a grande quantidade de filhos, a protagonista Paula

³ Apesar de não existir uma tradução no Brasil para o romance *A mulher que ia contra as portas*, o título da obra em português de Portugal nos sugere um indício de maltrato físico contra a protagonista.

narra com nostalgia momentos de alegrias junto de seus pais e irmãos: “Era uma casa feliz. É assim que me lembro dela. A Carmel não se lembra dela assim, e a Denise recusa-se a falar disso porque, acho eu, isso faria que ela tivesse que tomar um partido, o meu ou o da Carmel” (DOYLE, 1997, p. 16).

Paula e sua irmã Carmel discordam em alguns trechos da narrativa, principalmente nas suas opiniões sobre Roger O’Leary, o pai. Paula se recusa a acreditar na percepção que a irmã tem do pai:

Eu sabia o que a Carmel estava a fazer. Tinha passado um mau bocado com o nosso pai, quando era adolescente. Nunca se restabeleceram bem disso – estavam sempre a pegar-se, nos Natais e baptizados – e agora ela estava a arranjar uma boa razão para o odiar, a inventá-la e a acreditar nela. A adorar-se a si própria por se odiar a si própria. Eu sabia bem o que ela estava a fazer. O meu pai nunca lhe fez nada (DOYLE, 1997, p. 91).

Notamos que Paula se contradiz quando ela afirma que sua irmã sofreu um mau bocado com o pai e que ele nunca havia lhe feito nada. Mas é através do trecho que se segue que podemos entender melhor sobre os conflitos entre Carmel e o pai e como Paula tenta mascarar a realidade com o intuito de tirar a razão da irmã:

A Carmel andava sempre à luta com ele. Lembro-me dos gritos e dos socos. Ela também se lembra disso, mas recusa lembrar-se de qualquer outra coisa, das coisas boas da casa e do meu pai. Foi difícil para ela, eu sei: era a mais velha e teve que lutar por todos nós. Lutas – meu Deus, aquilo eram guerras. Ele rasgou-lhe roupa. Pegou fogo a uma blusa que ela tinha comprado com o primeiro salário. Levou-a de rastos para a casa de banho. Lavou-lhe a cara com uma escova das unhas. Tirou o cinto para lhe dar, em frente a todas as amigas dela (DOYLE, 1997, p. 54).

Roger O’Leary é um representante da sociedade patriarcal irlandesa da época, em que a voz feminina era omitida, ainda sob forte influência da igreja Católica nos costumes familiares, como se pode notar na primeira Constituição do País. Conforme nos lembra Rejane de Souza Ferreira (2014):

O domínio da Igreja Católica e a Constituição da Irlanda de 1937 estabeleceram princípios morais, ideológicos e imaginários que contribuíram bastante para a repressão, em uma escala generalizada, dos modelos familiares que ousassem fugir do padrão nacional religioso determinado. Embora essa moralidade tenha perdido o domínio de outrora, os interesses sociais das mulheres na família ainda permanecem invisíveis, sobretudo quanto ao quesito corporal, no que diz respeito à situação reprodutiva e ao acesso ao mercado de trabalho. (FERREIRA, (2014, p. 11).

Assim, percebe-se que o papel da mulher era reduzido em relação ao homem e que leis determinavam o papel da mulher na sociedade. Segundo Linda Clarke (2013, p. 2), “Woman has limits imposed on her once she assumed the title of wife and then mother⁴”. As personagens femininas presentes no romance em estudo exemplificam bem essa ideia de imposições e opressões sobre as mulheres na cultura irlandesa. Um exemplo de que a mãe de Paula era oprimida pelo marido pode ser observado na citação a seguir:

Estava com um aspecto tão triste. Havia anos que não vestia uma peça de roupa nova. Não bebia, não fumava, não fazia nada senão sentar-se à frente da televisão, ver os programas que ele punha, e dizer sim e não quando ele falava com ela: nem sequer fazia malha⁵ (DOYLE, 1997, p.126).

Paula relata que sua mãe, Hilda O’Leary, teve dois abortos entre o nascimento dela e de seu irmão Roger, fato que Paula só ficou sabendo muitos anos depois e ficou espantada: “Chocou-me mesmo. Ela tinha escondido aquilo. Era sempre tão meiga, tinha sempre tempo para mim. A Carmel disse que não era sempre assim. Diz que sabia, que ouviu a Mamã a chorar no quarto. Diz que o Papá nunca estava lá” (DOYLE, 1997, p. 18). Nessa citação, Paula demonstra desconhecer a realidade de sua mãe, pois a enxerga somente como uma figura materna e não como uma mulher e esposa capaz de ter uma história própria. Assim, Hilda representa uma mulher submissa, que não é vista pela sociedade e nem mesmo por sua família.

A Constituição de 1937 na Irlanda determinava que a mulher não deveria trabalhar por necessidade econômica em detrimento dos seus deveres em casa. Segundo Ferreira (2014, p.73), “isso acontece em decorrência do próprio contexto sócio-histórico cultural do país, pois a Irlanda sempre foi representada por uma mulher/mãe submissa à ‘proteção’ da masculinidade de seu colonizador, no caso, a Inglaterra”. Portanto, o comportamento agressivo do pai e do marido de Paula estava de alguma forma resguardada na própria Constituição do país, pois uma vez que a lei limitava às mulheres, se tornava natural determinadas coisas a que os homens as submetiam, como a opressão do pai da Paula sobre Hilda e as agressões de Charlo sobre Paula. Pois, sem liberdade para adquirirem independência financeira, essas mulheres ficavam expostas a diferentes tipos de violência como a violência patrimonial, psicológica e moral, sem que as próprias vítimas pudessem ter a chance de perceber que estavam sendo violentadas.

⁴ A mulher tinha limites impostos sobre si, uma vez que ela estava vinculada ao título de esposa e mãe.

⁵ Fazer malha é o mesmo que fazer tricô.

Paula demonstra conhecer apenas as violências mais comuns, as quais ela também estava submetida, no caso, a violência física e a sexual. E mesmo assim, ela achava que Charlo estava no seu direito de agredi-la justamente por ser seu esposo, a ponto de não compreender o motivo que levava Charlo bater na Senhora Fleming antes de assassiná-la, como se vê na citação a seguir:

A autópsia do médico legista concluiu que a Sra. Fleming tinha levado duas pancadas na cara, mas não havia indícios de agressão sexual. (...) Mas porque é que deu na pobre da Sra. Fleming? Não era casado com ela. Bateu-lhe duas vezes. O que tinha acontecido? Não queria nenhuma das respostas que começavam a soar dentro de mim, abafava-as. Eram todas horríveis. Eram todas selvagens e brutais. Maldosas e doentias. Troçavam do meu casamento, do meu amor – troçavam da minha vida toda (DOYLE, 2007, p. 161, 162).

A ferida causada pela violência moral em Paula estava tão profunda que ela era incapaz de perceber que nem ela e nem a Senhora Fleming nunca deveriam ter sofrido agressão física de Charlo. Ao contrário disso, chega a sentir ciúmes, pois nem nas surras que levava do esposo, ela tinha exclusividade.

No que diz respeito ao seu pai, Paula estava convencida de que ele era um homem bom e de que tudo que ele havia feito era por amor à família. Porém, sua irmã Carmel sugere que o seu pai pode não ter sido tão diferente assim do violento marido de Paula, “– Não é só o Papá – disse a Carmel. – Os homens são todos a mesma coisa. Basicamente uns estupores” (DOYLE, 1997, p. 65). Essa semelhança entre o pai e o esposo será reconhecida por Paula vinte e um anos depois:

O Charlo tinha razão. Era inútil tentar agradar-lhe, ele nunca o faria. Embora na altura não tenha me apercebido bem de que o Charlo não daria um passo para agradar a quem quer que fosse. Ele e o meu pai eram muito parecidos. Disse ela – vinte e um anos depois. A velha e sábia mulher da garrafa (DOYLE, 1997, p. 127).

Acreditando que seu pai sempre foi um homem bom, Paula não foi capaz de perceber os atos praticados por ele antes de se casar com Charlo, foi preciso muito tempo para ela comparar o comportamento dos dois. A partir de então, Paula começou a repensar sobre o modo que ela tinha de ver o próprio pai, pois para ela, seu pai já não era mais como antes e até o seu humor já não lhe causava graça, conforme ela reflete no trecho a seguir:

Não era só ela. Ele também estava diferente. Tinha-se tornado um chatinho azedo e um mandão. Agora ditava regras só para nos fazer obedecer-lhes, só para nos

apanhar. Costumava rir muito, mas agora não conseguia, ou não queria, e detestava ouvir risos em casa. Era por isso que gostava do Catweezil⁶, porque não era engraçado, foda-se. O Charlo tinha razão – era brutal (DOYLE, 1997, p. 126).

No que diz respeito ao Charlo, na condição de marido da Paula e pai dos quatro filhos deles (Nicola, Jonh Paul, Leanne e Jack), ele era o patriarca da família Spencer que vivia em um bairro de classe trabalhadora em Dublin. Era um homem violento, infiel, alcoólatra e praticava atividades criminosas como roubos, assaltos e homicídios. Sua esposa, Paula Spencer, era agredida terrivelmente por ele.

A cara, os olhos dele estavam a percorrer a minha cara toda, todos os centímetros e cantos. A ver, à procura. À procura de marcas, à procura de sangue. Estava preocupado. Virou-me a cabeça e olhou. A cara dele estava cheia de preocupação e amor. Estava assustado. Desviou-se dos meus olhos. Virou-me a cabeça e olhou para os lados.

- Caíste – disse. – Eu não...

Caí. Ele fez-me cair. Estou a olhar para isso agora. Vinte anos depois. Não fiz o que ele queria, ele estava com a telha, eu estava a armar em esperta, ele detestava que estivesse grávida, já não era a Paulinha dele – e puxou o punho atrás e bateu-me. Bateu-me. Antes de dar conta? Ele é que puxou o próprio punho, não fui eu. Fez a pontaria em mim. Largou. Bateu-me. Queria magoar-me. E magoou. E fez mais do que isso (DOYLE, 1997, p. 167).

Roddy Doyle apresenta o personagem Charlo no romance, para representar o papel do homem violento, que usa a sua condição de patriarca para mostrar a sua agressividade sobre a esposa.

Charlo se vê no direito de agredir Paula, pelo simples fato de ser seu esposo. Sobre isso, Marisol Morales Ladrón comenta:

El perfil del “duro” Charlo encaja perfectamente con el del típico maltratador em que termina convirtiéndose: um hombre que abusa del alcohol, desprecia a las mujeres, es autoritário, no tiene empleo estable, preparación educativa o valores Morales, y basa su poder en la fuerza física⁷ (2007, p.11).

Os atos praticados por Charlo contra Paula provocavam transtornos que envolviam toda a família. Para Marlene Neves Strey (2007, p. 31): “é na família que as

⁶ Provavelmente Paula se referia a Catweazle, um seriado televisivo exibido no Reino Unido pela ITV em 1970, com Geoffrey Bayldon atuando no papel principal. Catweazle era um mágico do século XI. Numa tentativa desesperada para escapar de soldados normandos ele acabou sendo lançado no século XX, desembarcando em Hexwood Farm. Ele acredita que tudo o que ele experimenta (automóveis, telefones, electricidade) é resultado de magia. Com a ajuda de dois meninos, Cenoura e Cedric, ele usa a magia em uma tentativa de regressar ao seu próprio tempo.

⁷ O perfil “difícil” do Charlo se encaixa perfeitamente com o típico agressor em que termina se convertendo: um homem que abusa do álcool, despreza as mulheres, é autoritário, não tem emprego estável, preparação educativa ou valores morais, e impõe seu poder pela força física.

pessoas aprendem a se submeter umas às outras segundo critérios culturais”. A autora ainda afirma que:

O sistema patriarcal, como sistema de organização social, com sua correspondente ideologia (crenças, valores, pressão sobre o imaginário coletivo) serve para manter e perpetuar a dominação, justificar a opressão e a violência sutil ou explícita de homens sobre as mulheres, dos que mandam sobre os que têm que obedecer (Strey, 2007, p. 2).

Ainda de acordo com a citação anterior, a família desempenha um papel fundamental na educação de gênero, conforme nos mostra Strey (2007, p. 31): “A família, aquele lugar privilegiado na formação da psique humana, pode ser também o lugar que transmite as primeiras e profundas noções sobre violência doméstica e, principalmente, sobre violência de gênero”. As mulheres são as mais afetadas quando se trata desse assunto, todavia, a violência de gênero pode atingir qualquer sexo.

Podemos observar dentro dos próprios costumes da família de Charlo Spencer, que o papel da mulher era o de servir, enquanto os homens aguardavam sentados. Paula nos relata o episódio de quando visitou pela primeira vez a casa dos pais de Charlo e que a mãe cozinhava enquanto os homens ficavam na sala assistindo TV: “Estava a fazer sandes⁸. Para o pai e irmãos do Charlo. Estavam todos lá dentro a ver televisão” (DOYLE, 1997, p. 72). De alguma forma, Charlo reproduz com Paula o exemplo que ele teve em sua própria casa. Porém, o relacionamento de Paula e seu marido não se limita ao costume que ele vivenciou em família, outros fatores também influenciavam nos conflitos do casal, como o alcoolismo. A própria Paula reconhece o seu problema de alcoolismo: “Sou alcóolica. Nunca o admiti perante ninguém. (Ninguém ia querer saber.) Nunca fiz nada quanto a isso, nunca tentei parar” (DOYLE, 1997, p. 94).

Assim como vemos no romance, vale ressaltar que a Irlanda é um dos países europeus com maior taxa de consumidores de bebidas alcólicas, sendo esse um problema social em todo o país. Camilla Gómez (2014) destaca que: “Segundo dados da *Alcohol Action Ireland*, organização filantrópica irlandesa para assuntos relacionados ao álcool, o consumo de bebidas alcólicas no país cresceu 145% entre 1960 e 2010, um valor assombroso”. Esse problema levou o governo irlandês a combater o alcoolismo através de campanhas de conscientização, lei de idade mínima para a ingestão de bebidas alcólicas e o fechamento dos pubs às três da manhã.

⁸ Sanduíche.

Paula além de apresentar sua fragilidade em relação ao álcool, também apresenta incapacidade de sair da situação de violência doméstica, tornando-se vítima da própria situação que em que ela se encontrou ao longo dos seus anos de casada. Segundo o texto de G.J. Ballone (2008),

Em algumas situações, felizmente não a maioria, de franca violência doméstica persistem cronicamente porque um dos cônjuges apresenta uma atitude de aceitação e incapacidade de se desligar daquele ambiente, sejam por razões materiais, sejam emocionais. Para entender esse tipo de personalidade persistentemente ligada ao ambiente de violência doméstica poderíamos compará-la com a atitude descrita como co-dependência, encontrada nos lares de alcoolistas e dependentes químicos.

Quando Paula necessitava de cuidados médicos após as agressões sofridas por Charlo, o álcool se tornava um problema, pois muitas vezes servia de desculpa para os médicos não questionarem sobre os demais sinais de violência no corpo, conforme ela salienta:

O médico nunca olhou para mim. Estudou algumas partes de mim, mas nunca olhou para os meus olhos. Nunca olhou para mim enquanto falava. Nunca me viu. Bebida, disse para com ele. Eu via o nariz dele a estremecer, a aspirar o cheiro, a decidir. Nenhum dos médicos olhou para mim (DOYLE, 1997, p. 190).

Através de suas recordações e dos seus relatos de suas idas ao médico depois de ser agredida, notamos uma série de repetições na fala da Paula. Na verdade, essas repetições estão além da dificuldade de articulação do pensamento provocada pelo álcool. Outro fator relacionado a isso e que prende Paula em um ciclo vicioso é o trauma e, de alguma forma, ela tem consciência disso: “Não consigo pôr em ordem as minhas memórias” (DOYLE, 1997, p. 216). Apesar disso, Paula é capaz de reconhecer as agressões e suas consequências sobre seu corpo:

Tenho um problema de audição, um tímpano rebentado. Uma prenda⁹ do Charlo. Aconteceu. Dói-me um dedo quando vai chover. O mínimo da esquerda¹⁰ – ele puxou-o para trás até estalar. Aconteceu. Tenho sítios¹¹ onde deviam estar dentes. Há coisas que já não consigo cheirar. Tenho marcas onde estiveram queimaduras. Tenho uma dor nas costas que me monta o dia inteiro. Tenho uma cicatriz no queixo. Aconteceu. Tenho partes da casa que me fazem chorar. Tenho recordações em que posso tocar e fazem-me acordar aos berros. Sou atormentada o dia todo e a noite toda. Tenho erros que me esfaqueiam antes de pensar neles. Ele bateu-me, deu-me murros, violou-me. Aconteceu (DOYLE, 1997, p. 189).

⁹ Um presente, ou uma lembrança.

¹⁰ Dedo mínimo da mão esquerda.

¹¹ Lugar ou espaço.

Segundo o Diego Frichs Antonello: “a repetição, no caso da vivência de dor, ocorre porque a capacidade de ligação, realizada pelo eu, foi insuficiente para enfrentar o montante da excitação proveniente do exterior” (2011, p. 35). A esse respeito ele ainda diz: “A consequência de uma vivência traumática é a destruição da capacidade de discernir entre o real e o irreal, ocorrendo uma fragmentação no eu” (2011, p. 100). Essa fragmentação também decorre da falta de autoestima e no caso de Paula, particularmente, era algo que já existia desde a infância.

Paula viu seu corpo se desenvolvendo bem antes do das amigas conforme ela nos descreve: “O peito apareceu-me na escola primária, no sexto ano. Só duas de nós tínhamos peito, eu e a Fiona” (DOYLE, 1997, p. 25). Em consequência dessa transformação precoce em relação às outras meninas, Paula acabou sendo alvo de assédio na escola e até mesmo em casa, conforme relata no seguinte trecho: “ – Mostranos as tuas mamocas! Paula! Paula! Isso era o Roger e os amiguinhos dele, atrás da sebe¹²; provavelmente não o próprio Roger, porque sabia que eu podia dar cabo¹³ dele se quisesse”. (DOYLE, 1997, p. 25). Paula viu sua transformação física acontecer rápido demais e com isso viu o olhar e o comportamento dos homens mudando quando se referiam a ela, nem mesmo seu próprio irmão a respeitava.

Quando Paula conheceu Charlo, ela pensou que ao se tornar sua mulher, poderia se livrar da falta de respeito constante que sofria estando solteira. “Agora era a rapariga¹⁴ do Charlo, e isso tornava-me respeitável. Os homens ficavam calados quando eu passava. Todos tinham medo do Charlo, e eu adorava aquilo” (DOYLE, 1997, p. 57). Paula acreditava que Charlo seria uma pessoa de bom caráter e que seria um homem capaz de protegê-la, mas o que Paula não imaginava é que, com o tempo, seu marido se tornaria seu agressor.

A convivência cotidiana nessa relação violenta com Charlo foi agravando a saúde mental e física de Paula. Ele a acusava de ser a responsável pelas agressões que ele cometia, despertando em Paula o sentimento de culpa. Esse sentimento é uma das características da baixa autoestima e da depressão apresentada por ela e está diretamente ligada ao sofrimento moral em que ela vivia. Segundo Ballone (2007), o sofrimento moral pode ser descrito da seguinte maneira:

¹² Cerca feita com arbustos.

¹³ Dar fim, acabar.

¹⁴ Namorada.

O Sofrimento Moral, ou sentimento de menos-valia, é um fenômeno marcante e desagradável na trajetória depressiva. Trata-se de um sentimento de autodepreciação, autoacusação, inferioridade, incompetência, pecaminosidade, culpa, rejeição, feiúra, fraqueza, fragilidade e mais um sem-número de adjetivos pejorativos.

Mesmo sendo violentada fisicamente pelo marido, a protagonista vai admitindo ter consciência de que se culpa quando ela reflete sobre o motivo que a levava a apanhar:

Continuo a culpar-me. Depois destes anos todos, dos ossos e dentes partidos e da tortura, ainda continuo a culpar-me. Não consigo evitar. E se? E se? Ele não me teria batido se eu não tivesse... nenhum dos outros murros e cintos teriam vindo a seguir se eu não tivesse... Ele batia-me, batia nos filhos, batia noutras pessoas, matou uma mulher – e continuo a culpar-me. Por provocá-lo. Por não gostar dele o suficiente, por não o mostrar. Por me meter entre ele e o John Paul. Por não fazer amor, por fazer amor quando não queria. Por não falar com ele, por não compreender. Por beber e envelhecer. Por não olhar por mim. Por pô-lo fora (DOYLE, 1997, p. 174,175).

Nota-se que o sofrimento moral decorrente dos atos praticados por Charlo causava esse sentimento de culpa em Paula, deixando-a suscetível a outros sentimentos de desvalorização. Essa fragilidade de Paula despertava ainda mais a violência do marido. Já se sentindo destroçada tanto moral quanto fisicamente, Paula começa a demonstrar os primeiros sinais de que não suportaria mais viver naquelas condições sub-humanas, conforme ela destaca: “Tinha que me endireitar e lavar o sangue seco da cara. Tinha que me compor e ignorar a dor. Muitas vezes acordava no chão da cozinha. A mulher invisível. A mulher que ia contra as portas” (DOYLE, 1997, p. 193). Nessa citação, Paula revela estar despertando para o fato de que era necessário existir e que não dava mais para continuar com a desculpa de que se esbarrava nas portas a cada vez que sofria violência.

Aos poucos Paula percebe a importância de Carmel na sua reflexão sobre sua situação familiar e no despertar de consciência sobre os atos imperdoáveis provocados pelo marido. Ela percebe que sua irmã a alertava a respeito do comportamento agressivo de Charlo:

Arrastava-me pela casa, pela roupa e pelo cabelo. Punho, bota, joelho, cabeça. Magoou-me e magoou-me e magoou-me. (A Carmel salvou-me, foi a Carmel. A Carmel viu o que se estava a passar, e fez-me ver isso. E fez os outros verem. A Carmel salvou-me e nunca lhe agradei. Às vezes amaldiçoava-a. Era mais fácil

quando não se sentia, nem se via.) Comecei a ver o que eles viam (DOYLE, 1997, p. 192).

Em um dos ataques de agressão que Paula recebia do marido, ela é surpreendida pela reação da filha, Leanne, que decide interferir para defender a mãe: “ – Não batas na mamã! A voz da Leanne. Os braços da Leanne à volta da minha perna, a agarrarem-se a mim” (DOYLE, 1997, p. 184). Paula percebe que era necessário reagir para que os filhos não passassem pelos mesmos traumas de agressões físicas que ela havia passado até então. Paula decidiu reagir, a fim de se libertar dos constantes atos de violência causada por Charlo, como podemos observar:

Ter que estar com os olhos no Charlo. A suplicar-lhe, a aguentá-lo à distância. A sentir a Leanne a tremer. A mantê-lo afastado. A fazer tudo para ficar de frente para ele. A fazer tudo para ela ficar por trás de mim. A fazer tudo para que ela não se tornasse um escudo. A mão dela a agarrar-me as calças de ganga¹⁵. O coração dela a bater. Eu sem tirar os olhos do Charlo (RODDY, 1997, p. 184).

Mas Paula só irá conseguir dar um fim ao casamento quando percebe que Charlo irá agredir a Nicola. Aterrorizada com o que pudesse acontecer com a filha, ela decide expulsar o marido de casa, conforme ela mesma descreve:

Pu-lo fora! Nunca hei-de esquecer disso – da excitação e do terror. Soube-me tão bem. Tirou-me anos de cima. Mas, meu Deus, foi aterrorizante – depois de o ter feito aquilo se tivesse pensado. Mas quando o vi a olhar daquela maneira para a Nicola, quando vi os olhos dele. Não sei o que me aconteceu – a Mulher Biônica¹⁶ – ele desapareceu. Foi tão fácil. Pum – desapareceu. A maldade na cozinha, os olhos dele. Desapareceram (DOYLE, 1997, p. 216).

Paula toma uma decisão inesperada, ela decide expulsar o marido de casa. Vale destacar que até os anos 90 o divórcio era proibido na Irlanda, conforme nos mostra Júlia Paniz (E-Dublin, 2013):

No ano de 1986 uma proposta para eliminar a proibição constitucional do divórcio foi submetida a um referendo, entretanto, a proposta foi rejeitada. Apenas no ano de 1995, uma emenda removeu a proibição constitucional, mantendo algumas

¹⁵ Em Portugal, calça de ganga significa calça jeans.

¹⁶ Paula se compara a protagonista de um seriado americano de televisão intitulado *A Mulher Biônica* (*The Bionic Woman*), exibido entre 1976 e 1978. Tratava-se da história de uma ciborgue, Jaime Sommers, que ao sofrer um acidente de paraquedas, fica entre a vida e a morte. Steve Austin, seu namorado, pede a Oscar Goldman, chefe da Office of Scientific Investigations que salve Jaime. Oscar concorda e Jaime é submetida a uma cirurgia para que as partes atingidas do seu corpo sejam substituídas por componentes biônicos, mas em troca, ela tem de que prestar contas ao serviço secreto americano para o resto da vida. Depois da cirurgia Jaime passa a ter superpoderes.

restrições, como a necessidade do casal estar separado por pelo menos quatro anos para requerer o divórcio legal. Apesar de legalizar a separação, a Irlanda ainda possui o segundo menor índice de divórcio da União Europeia.

Além da proibição do divórcio que ainda estava em vigor na época, outro fator que impedia Paula de requerer o divórcio era o alto custo que esse tipo de processo custava na Irlanda. Ainda de acordo com o trecho anterior, Paniz (E-dublin, 2013) destaca que:

De acordo com o portal de notícias da Irish Central, um dos motivos que leva os casais a evitarem o divórcio pode estar relacionado com a crise imobiliária, desemprego e cortes salariais, já que tudo isso dificulta a vida independente dos irlandeses, fazendo com que a decisão seja muito bem pensada antes de efetivar o divórcio.

Um ano depois de expulsar Charlo de casa, Paula é surpreendida por um policial que veio anunciar a morte do seu marido, pois mesmo que ele já tivesse sido expulso de casa, eles não eram divorciados diante da lei.

Não fiquei surpreendida. Tinha estado sempre mais ou menos à espera disso. O Charlo tinha morrido. Estava fora de casa havia mais de um ano. Eu tinha-o posto fora. Porta fora. Mas nunca tínhamos tratado de nada, de nos separarmos devidamente. Nunca arranjei uma ordem do tribunal para que ele não se aproximasse, não precisava. Ainda era meu marido. Por isso é que Gerard tinha vindo a minha casa. Eu ainda era a Sra. Spencer (Doyle, 1997, p. 32-33).

Através desse romance, Roddy Doyle, apresenta Paula como uma mulher frágil e submissa aos costumes de sua época, mas capaz de expulsar seu agressor de casa. Através dessa atitude corajosa, Paula demonstrou que ainda seria capaz de se tornar alguém diante da sociedade e principalmente uma mãe protetora dos filhos.

As crianças tornavam difícil ficar assim. Faziam-me sempre voltar. Tinha que estar ali, tinha que estar visível para elas. Tinha que pensar. Não podia desistir, elas não me deixavam. Tinha que estar viva, acordada e a fazer coisas. Não podia morrer e deixá-las. Queria-as mais do que não as queria – e às vezes não as queria mesmo nada.

Mas não podia deixá-las com ele, não podia deixar andar. Estavam ali a toda a hora. Tinham que ser alimentadas. Tinham que ser abraçadas. Tinham que ser lavadas. Eu tinha que lá estar. Por isso vivia lá em casa. Estava viva para elas. Podiam ver-me. Podiam sentir-me. Elas iam crescer, e então eu podia desaparecer. Podia dobrar-me e parar. Mas tinha que lá estar para elas, até serem suficientemente grandes. Tinha que protegê-las (RODDY, 2007, p.192).

Paula finalmente entendeu que para proteger seus filhos ela precisava mudar sua vida, ainda que lhe fosse difícil e assim termina essa obra. Contudo, Roddy Doyle dá continuidade com o livro intitulado *Paula Spencer*, que narra a história da protagonista dez anos depois. Esse segundo romance será objeto de outra análise.

Referências

ANTONELLO, Diego Frichs. *A repetição e seus destinos na obra de Freud*. Disponível em:

<<http://teopsic.psicologia.ufrj.br/arquivos/documentos/EC80DE40763D282DABC6C276BFF629A5>>.pdf. Acesso em: 24 jan. 2016.

BALLONE, GJ. *Depressão: Sintomas. Psiqweb*. 2007. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=55>>. Acesso em: 01 mar. 2016.

_____. *Violência Doméstica. Psiqweb*. 2008. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=89>>. Acesso em: 17 fev. 2015.

CLARKE, Linda. *Mother Ireland... The Myth*. 2013. Disponível em: <<http://2013.iclons.org/.../Mother%20Ireland%20>>. Acesso em: 05 set. 2015.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto: Prolegômenos e teoria da narrativa*. Editora Ática. São Paulo – SP, 1999.

DOYLE, Roddy. *A mulher que ia contra as portas*. Relógio D'Água Editores. Lisboa, 1997.

FERREIRA, Rejane de Souza. *Voz e consciência narrativa: a percepção da família pela perspectiva feminina em três romances irlandeses*. 2014. 226f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/4221/5/Tese%20%20Rejane%20de%20Souza%20Ferreira%20-%202014.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2015.

FREE CONSTITUTION. 1937. Article 41, Paragraph 2. Disponível em: <http://www.taoiseach.gov.ie/eng/Historical_Information/The_Constitution/>. Acesso em: 08 ago. 2015.

GÓMEZ, Camilla. *Os problemas do consumo de álcool na Irlanda. E-dublin*. 11. jul. 2014. Disponível em: <<http://www.e-dublin.com.br/os-problemas-do-consumo-de-alcool-na-irlanda/>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

LADRÓN, Marisol Morales. *De puertas adentro: Narrativa interior y violencia doméstica em The Who Woman Walked Into Doors de Roddy Doyle*. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=x48kZinPS58C&pg=PA95&lpg=PA95&dq=violencia+domestica+na+irlanda&source=bl&ots=MpiLyVFWtz&sig=Rs3RWC8YXytWnb8zW4CLfTrRsJ8&hl=ptBR&sa=X&ved=0CCAQ6AEwADgeahUKEwimq8_PgJnJAhUMiJAKHeGvCbK#v=onepage&q=violencia%20domestica%20na%20irlanda&f=false>. Acesso em: 18 nov. 2015.

PANIZ, Júlia. *Você sabia? Divórcio na Irlanda era ilegal. E-dublin*. 07. out. 2013. Disponível em: <<http://www.e-dublin.com.br/voce-sabia-divorcio-na-irlanda-era-ilegal/>>. Acesso em: 01 mar. 2016.

STREY, Marlene Neves. *Gênero, família e sociedade*. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=W6i-UrzxwywC&printsec=frontcover&hl=ptBR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 18 nov. 2015.

_____. et al. *Um Estudo de Gênero: É Possível a Mudança de Crenças em Mulheres Vítimas de Violência?* Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/S/Strey-Vera-PereiraMonteiro_05_B.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2015.